RESUMO

Este trabalho visa mostrar a importância da contação de histórias na aprendizagem da Educação Infantil, propondo técnicas e meios do educador trabalhá-las em sala de aula, através de análises de casos, e pesquisas literárias, tamanha importância e contribuição da atividade oral de contar histórias para a formação e evolução na Educação Infantil. Através do desenvolvimento integral da criança e sua relação com a arte da comunicação oral, acaba por encantar, trabalhar o corpo e a mente simultaneamente, estimular a imaginação e aprimorar sua sensibilidade despertando emoções na mesma. Abordando também o papel fundamental do professor como mediador do conhecimento, analisando de quais maneiras este pode agregar suas práticas pedagógicas por meio da contação de histórias. A ação de contar histórias é vista como ferramenta de suporte para o desenvolvimento da oralidade e intensificador do interesse da leitura nos alunos, trata se de uma tarefa complexa qual exige qualificação, disposição, habilidades e técnicas do educador contador de histórias, a fim de que as somas destas exigências possam ampliar o vocabulário da criança. As histórias devem proporcionar a formação do caráter e dar à criança perspectivas, mostrando um caminho onde elas possam se posicionar criticamente, avaliando sua realidade e ao mesmo tempo em que atrai a atenção, a atividade lúdica em questão também trará o conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Literatura Infantil. Imaginação. Oralidade. Leitura. Contação de Histórias. Desenvolvimento da criança.

1. INTRODUÇÃO

Contação de histórias, atividade pedagógica e interdisciplinar que tem como objetivo resultar em uma educação humanizada qual possui o fundamento gerar conhecimento através das experiências, vivencias e aprendizagens dos alunos.

Abramovich (1997) ressalta a importância de contar historias para crianças, de forma que escutá-las é um precedente para a formação de leitor, além de incitar seu imaginário para responder tantas questões existentes no mundo da criança. Sua contribuição para o ensino-aprendizado na Educação Infantil faz com que fortaleçam no aluno os vínculos afetivos, sociais e educativos, desta forma, se faz necessário que os educadores utilizem desta ferramenta de trabalho para um melhor desenvolvimento da criança, despertando desde cedo seu interesse na leitura e fortalecendo sua capacidade de imaginação e fantasiar.

Realizando a análise do estudo de caso "Árvore dos Pontos: quem conta um conto aumenta um ponto", feito no ano de 2016, apresentado no VI SECIN (Seminário em Ciência da Informação), em Londrina – PR, como suporte para complementar e embasar este artigo. Tal estudo fora realizado em uma biblioteca escolar com crianças na faixa etária de 5 a 10 anos de idade, visando expandir o conjunto de leitura das crianças, provar que, por meio deste, os alunos se apresentaram entusiasmados e dedicados a contar muitas outras histórias.

O ato de contar histórias existe desde os primeiros sinais da humanidade, sendo passados hereditariamente, de geração em geração, onde os pais e avós compartilhavam histórias com as crianças. Segundo FREIRE (1994, p.11) "a leitura do mundo procede à leitura da palavra", afirmando através desta sentença que a leitura se encontra em todos os lugares, e que a leitura faz parte da vida da criança antes mesmo da habilidade da leitura.

Utilizando do livro infantil como instrumento de ensino, o educador auxilia na capacidade de formação de empatia da criança, uma vez que a mesma, através da contação de história escolhida, cria certo vinculo para com os personagens inclusos, estimulando sua habilidade de opinar e de mudar seus pontos de vista a respeito do assunto abordado.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

Em nossa atualidade tem se tornado um desafio para o educador fazer com que as crianças tomem gosto pela leitura, uma vez que, a mídia, através das novas tecnologias, está em constante evolução e cada vez mais acessível a estas. O que antes era utilizado como método recreativo, um momento de distração para os alunos em classe, hoje, é um precioso auxilio a prática pedagógica, por se tratar de uma atividade lúdica, que estimula diversos campos do conhecimento e da personalidade dos alunos.

Prática antiga que teve origem muito antes da escrita, quando as pessoas faziam o uso da oralidade para narrar acontecimentos na comunidade, transmitindo crenças, costumes, valores e mitos através do tempo e das gerações, e também fazendo o uso desta prática para o lazer, entretenimento e diversão. Conforme Bernadino Souza, 2011 "O contar de histórias tornou-se o centro da atenção popular pelo prazer que suas narrativas proporcionavam".

Após o surgimento e evolução da escrita, a atividade de contar histórias, vista antes como superior às outras, foi perdendo seu valor em virtude da separação entre cultura leiga e cultura instruída, sendo esta julgada como uma atividade simplória e de pouco valor na questão intelectual, voltando a ganhar espaço na sociedade como exemplo nas instituições educativas, apenas após o reconhecimento do valor de grande importância das artes, em geral.

Aos meados da transição do século XVII para o século XVIII era de conhecimento geral que as crianças fossem tratadas como pequenos adultos, compartilhando tarefas, cuidados, e cultura literária semelhante aos adultos, justificando através desta a grande taxa de mortalidade infantil durante aquela época.

Foi então a partir do século XVIII que a literatura infantil começou a crescer, juntamente da ascensão da classe da burguesia, e devido a uma importante reestruturação familiar qual resultou no reconhecimento das crianças como indivíduos diferentes dos adultos em diversos aspectos. Por meio deste crescimento, a literatura infantil passou a se mostrar importante no âmbito escolar e pela necessidade de uma mudança de mentalidade que as crianças possuíam até então. Foi através do auxílio da escola que esta mudança na literatura pode ocorrer, por mérito de profissionais e pedagogos, cujos foram pioneiros nas produções literárias infantis no fim do século XVII e no decorrer do século XVIII.

Contar história faz parte das práticas da cultura humana, visto que, tal atividade precede à escrita, a oralidade ao narrar fatos e acontecimentos e declamar versos nos remete ao surgimento do homem há milhões de anos atrás.

História é a maneira mais significativa que encontramos para relatar experiências que não ocorreriam através da narrativa realista. Vieira explica que, quando nos referimos aos contos, os mesmos tornam-se desafiadores por não serem justificados pela razão. “Em primeiro lugar, o fato de que eles falam sempre de relacionamentos humanos primitivos, e, por isso, exprimem sentimentos muito arcaicos do psiquismo humano” (VIEIRA 2005, p.10).

Desde o início da contação até os dias presentes, buscar o sentido da vida, transmitir valores, procurar explicações para nossas inquietações, são os principais fatores que impulsionam o ato de contar histórias, ouvi-las e reconta-las. A contação é uma atividade fundamental que transmite conhecimento e valores, além de pertencer, atualmente, ao campo da educação, uma atividade comunicativa pela qual a sociedade transmite seus costumes, valores e tradições, capazes de influenciar na formação pessoal e cultural do cidadão.

Para realiza-la se faz necessário criar um clima de encantamento, emoção, suspense e surpresa, dando vida à história, ao enredo e seus personagens, proporcionando desta maneira uma transformação ao ouvinte e concomitantemente ao narrador, impregnando todos os sentidos durante este ato. Ela está ligada diretamente a imaginação infantil, sabendo utilizar a mesma como uma ferramenta, torna-se possível proporcionar incentivo ao gosto pessoal, à imaginação, ao habito da leitura e ampliando o vocabulário, desenvolvendo o consciente e subconsciente infantil, por meio da relação entre o mundo interior e mundo exterior, ocasionando melhorias na formação de seus valores, crenças e personalidade.

Mediante a capacidade de imaginar, o aluno desenvolve a habilidade de compreensão e entendimento, as histórias transmitem informações e envolvem emoções, contribuindo para a formação da tolerância e senso de justiça social, podendo influenciar seus ouvintes positivamente ou negativamente.

Em virtude desta reformulação pela qual a literatura infantil foi exposta, possibilitou-se o aprimoramento de sua função social e individual, a fim de atender e respeitar a individualidade, e as necessidades quais devem ser transmitidas as crianças. No momento presente a literatura não recebe o estímulo adequado, então é por meio da contação de histórias que proporcionamos ao aluno uma experiência positiva para com a leitura e, consequentemente, para com a literatura, modificando- a de uma tarefa rotineira, de função exclusiva de avaliação, qual afasta o aluno do prazer pela leitura. “Para formar grandes leitores, leitores críticos, não basta ensinar a ler. É preciso ensinar a gostar de ler [...] com prazer, isto é possível, e é mais fácil do que parece” (VILLARDI, 1997, p.2).

Confirmado também através do pensamento de Abramovich, que expõe que “Ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada. [...]”. Quando a criança se identifica com a história que está sendo narrada, ela consegue visualizar as semelhanças contidas na mesma com o seu dia-a-dia.

As histórias são classificadas como atividades lúdicas, pois estas, contadas ou lidas, são ferramentas de trabalho com o objetivo de aprimorar a educação, consequentemente trazendo momentos de lazer e diversão ao educando, contação e leitura se completam com o objetivo de estimular cada vez mais o gosto literário dos indivíduos relacionados.

Por meio dos variados exemplos que determinada história, ou livro, vem a ter, é que o aluno trabalha seus instintos e reações, aumentando sua experiência de vida e aprendendo a lidar com seus impulsos emocionais.

A arte de contar histórias se classifica como uma arte performática, uma vez que, para realiza-la com sucesso o contador, narrador, deve retransmitir características chave, tais como, voz, gestos e corpo, com a finalidade de prender a atenção de seus ouvintes fazendo com que estes se sintam “dentro” da história contada. Indispensável o uso de alguns elementos para realizar a contação da maneira ideal, CALDIN (2002, p.30) explica que se deve trabalhar a voz, utilizando variados formatos da mesma, como, sussurros, onomatopeias, ruídos, gritos, criando um clima de encanto, suspense e envol-

vimento através do poder da voz para com os ouvintes. Evitar descrições muito detalhadas para que os mesmos não desviem sua atenção dos fatos ocorridos durante a narrativa, estes elementos complementam a contação ensinando aos alunos ouvintes formas diversificadas de atrair a atenção do leitor-ouvinte.

BRITO (2003, p.162) nos afirma que, ao fazermos uso de uma voz clara e limpa, de mudanças de velocidade da narrativa, vozes mais finas, ou mais grossas, com maiores ou menores intensidades na mudança de entonação, atraímos a atenção de bebês e crianças com maior facilidade para as diversidades expressivas e sonoras.

Podemos aprimorar o trabalho de contação de histórias com o auxílio de acessórios, utilizados como ferramentas para potencializar a integração entre ouvinte e história. Estes acessórios podem ter sua origem simplória, como um chocalho, um brinquedo utilizado de maneira espontânea, ou até mesmo algo de origem mais sofisticada, utilizado após um planejamento específico para contar determinada história, como, fantasias, instrumentos musicais ou fantoches.

Ao incluir sons às histórias, por meio de materiais sonoros, nos remetemos aos recursos de sonoplastia utilizados constantemente no passado, na época de telenovelas onde o ouvinte podia imaginar toda a cena em virtude do auxílio do enriquecimento pela sonoplastia, momentos como uma chuva, ventos, animais entre barulhos diversos, ficaram cada vez nítidos a imaginação.

"A criança que ouve histórias com frequência educa sua atenção, desenvolve a linguagem oral e escrita, amplia seu vocabulário e principalmente aprende a procurar, nos livros, novas histórias para o seu entretenimento" Barcellos e Neves (1995, p. 18) ressaltam esta habilidade que também é aprimorada por meio da contação.

Após esclarecermos o tamanho da importância da atividade como fonte de aprendizagem e prazer das crianças, a mesma não deve ser realizada sem o preparo prévio e o conhecimento do livro escolhido.

2.2. A INCLUSÃO DAS ARTES A GRADE ESCOLAR

A incorporação do ensino da arte às disciplinas escolares da forma qual vemos hoje é fruto de grandes e importantes processos culturais e históricos. A educação artística brasileira data seu início no ano de 1816, com a inauguração da Escola Nacional de Belas Artes, porém mantinha os padrões europeus, dos quais, apenas a elite privilegiada era a única classe social que poderia ter acesso a esta educação. Foi por meio das pequenas evoluções que a ideologia fora passando que tal ensino foi adicionado às grades curriculares nas escolas tradicionais, que tinham como perspectiva, desenvolver tal disciplina a fim de melhorar a formação voltada para as vidas profissionais dos alunos, desenvolvendo artes como o desenho geométrico, e especialidades mais técnicas. Foi apenas após 1950 que a disciplina artística recebeu influencias da Escola Nova, voltando sua atenção exclusivamente para a criatividade e espontaneidade dos alunos.

Em 1971 foi então promulgada a lei nº 5.692 de 1971, cuja garantiu que a educação artística se tornasse propriamente um componente curricular, mas atuando basicamente em decorações das escolas, em datas cívicas, e em atividades sem contexto artístico histórico, então, apenas após a publicação da LDB 9.394/96, que a disciplina artística pode enfim se equiparar com as demais disciplinas, mediante a afirmação e reconhecimento de seu caráter de saber indispensável.

"A arte pode apresentar diferentes funções em cada sociedade. Ela pode contar histórias, educar, provocar reflexão; pode representara realidade ou critica-la; ser manifestação dos sentimentos do artista, do sonho, imaginação, ou fervor religioso; e pode também não ter função alguma, bastando-se por si mesma" (BOZZANO, Hugo; FRENDA, Perla, 2013, p.11). Através deste ponto de visão e forma de analisar a arte, podemos compreender que a arte vai além do caráter disciplinar visando apenas a vida profissional, pois a dimensão de seu impacto para com os alunos, os artistas, pode atingir limites diferentes variando de individuo para individuo, envolvendo aspectos pessoais, emotivos, espirituais, psicológicos de cada pessoa.

Manifestação subjetiva estritamente humana, qual engloba campos diversificados como, a estética em caráter físico, a comunicação e suas linguagens múltiplas como, arquitetura, escrita, escultura, música, dança, teatro, e a contação de histórias, desta forma fora reconhecido, o ensino da arte, como Patrimônio Cultural da Humanidade, do qual devemos estimular seu valor desde a base infantil, quando se iniciam as primeiras habilidades, curiosidades, interesses e descobertas da formação integral do sujeito.

2.3. METODOLOGIA

Fora consultado para auxilio neste trabalho, o projeto intitulado "Árvore dos pontos: quem conta um conto aumenta um ponto". Projeto este aplicado em alunos do 1º ao 5º ano de uma escola particular situada em Londrina-PR, realizado pela biblioteca da escola visando o aumento do interesse pela leitura por meio da contação de histórias, coletando dados através de formulários e por meio da técnica de observação.

Alunos de faixa etária entre 5 a 10 anos, do ensino fundamental do 1º ao 5º ano, dos quais, nem todos aprenderam efetivamente a ler, fora proposto, que,

contem histórias que já lhes foram narradas por alguém em determinada situação em suas vidas.

Em um primeiro momento, foi narrada uma história pelas bibliotecárias, que utilizaram de fantasias, tanto com o intuito de aumentar o interesse dos alunos, quanto para exemplificar o modelo/ forma que os mesmos poderiam contar suas histórias.

Na sala de leitura, espaço preparado visando o conforto de contar ou ler os livros, dispondo de figurinos, acessórios, palco e aparelhagem de som, os alunos escolheram as cores quais simbolizariam suas salas/ turmas e a cada conto narrado pela equipe seria pendurado na árvore um ponto. Desta maneira podemos analisar, através da observação, fatores como, comportamento destes no ato de contar histórias, o cuidado com a seleção do livro e como o grupo se preparou a fim de realizar a atividade.

Ficou proposto que os alunos escolhessem histórias que já conhecessem, ou que pudessem conhecer novas histórias e assim compartilhar com os amigos do grupo, desta maneira, após o início das apresentações, permitiu-se avaliar as formas de utilização da voz da criança, a sua interação para com a turma, as escolhas das histórias, a opção de utilizar, ou não, acessórios, e suas formas de expressão, faciais e corporais.

2.4. CARACTERIZAÇÃO DAS HISTÓRIAS, FÁBULAS E CONTOS DE FADAS

As histórias narradas estão com o homem desde o início de sua vida em sociedade, até os dias presentes, por meio destas realizamos a preservação de nossa cultura, estimulando a imaginação, sonhos, desejos, retratando acontecimentos, pessoas e lugares. É fonte de aquisição e transmissão do conhecimento, a arte de contar histórias, que é tão antiga quanto o homem.

2.4.1. CONTOS DE FADAS

Textos que mantém sua estrutura fixa, iniciando a partir de um problema inicial cujo desequilibra a tranquilidade da narrativa, durante seu desenvolvimento, ocorre à busca por soluções, dentro do plano da fantasia, apoiando-se através de elementos mágicos: fadas, bruxas, gigantes, duendes, etc., e a restauração da ordem e tranquilidade inicial ocorre no final da narrativa.

Este dilema existencial é característico dos contos de fadas, pois permite a criança a aprender sobre determinado problema em sua forma essencial, já uma trama de forma mais complexa poderia lhe causar certa confusão de ideias.

Conforme Bettelheim (2002) é a partir dos 4, 5 anos que o impacto benéfico dos contos de fadas começa a transparecer em nossas vidas.

Os escritores mais famosos no campo dos contos de fadas infantis são os alemães Irmãos Grimm, Jacob Grimm e Wilhelm Grimm dedicaram suas vidas ao registro dos contos infantis, ganhando fama e popularidade para com as crianças, fazendo muito sucesso até hoje. Seus contos destinados às crianças, na verdade, eram inicialmente destinados aos adultos, no entanto, eles tornaram a fantasia acessível às crianças adaptando as histórias para os pequenos.

Exemplo disto é um dos contos mais contados para as crianças, sobre a Bela Adormecida, onde, atualmente a princesa dormia por 100 anos após perfurar o dedo numa agulha, a mesma acorda após um beijo do príncipe, ambos se apaixonam, casam e vivem felizes para sempre, mas, originalmente é uma versão nada doce, onde a princesa adormece devido a uma profecia, o rei abusa sexualmente da mesma enquanto dormia, engravidando-a, esta dá à luz a duas crianças enquanto ainda dorme, onde não o beijo a desperta e sim um de seus filhos, que chupa seu dedo e retira o linho que a mantinha dormindo, ela enfim acorda, sendo mãe de duas crianças.

O conto de fadas é uma cartilha que auxilia a criança a aprender a ler sua mente através das imagens, tornando possível a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual, por meio do conteúdo pré-consciente das imagens contidas nos contos de fadas a criança é estimulada a desenvolver seu intelecto.

2.4. 2. FÁBULAS

Fábula, do latim, falar. Este gênero possui características marcantes, são pequenas narrações, em que os protagonistas, frequentemente, são animais que representam emoções e sentimentos humanos. Originalmente criadas com o intuito de serem contadas a adultos objetivando distraí-los e aconselhá-los. “Narração em prosa e destinada a dar relevo a uma ideia abstrata, permitindo, desta forma, apresentar, de maneira agradável, uma verdade que, de outra maneira, se tornaria mais difícil de ser assimilada. ” (LIMA; ROSA, 2012).

Registram as experiências e o modo de vida dos povos, trazendo reflexões quanto aos valores, tais como, companheirismo, respeito, amizade e diferenças. “A moral contida nas fabulas é uma mensagem animada e colorida... A moral transmite a crítica ou o conhecimento de forma impessoal, sem tocar ou localizar claramente o fato. ” (GOÉS, 1991, p.144). Resumem-se em uma ação e sua reação, seguidas de um discurso que leva seu leitor a refletir, podendo as mesmas ser construídas a começar de um diálogo ou um monologo interior.

As primeiras fábulas surgiram no ano de 1668, a fim de relatar a situação social daquela época, com injustiças, misérias e desigualdades, publicadas em “As Fábulas”,

por Jean La Fontaine. Já no Brasil, o fabulista pioneiro foi Monteiro Lobato, que recontava as famosas fábulas de Esopo e La Fontaine.

2.4.3. HISTÓRIAS CURATIVAS

Proposta da autora e médica Susan Perrow, trabalhar em histórias terapêuticas, visadas para comportamentos desafiadores. As histórias curativas envolvem os ouvintes, possibilitando ao contador promover as mudanças necessárias de comportamentos inadequados, em diferentes faixas etárias e por meio de diferentes procedimentos.

Cada situação deve ser analisada particularmente, pois cada ser é único, as histórias não podem ser interpretadas como pílulas mágicas com receitas para cada comportamento, devemos levar em conta o contexto sociocultural, para que através das histórias permitamos a imaginação de contar, criar e trazer-nos transformações.

A arte de contar histórias atravessa o tempo convidando a humanidade por meio da imaginação a refletir e modificar a própria existência, histórias podem ser lidas ou contadas, e se faz necessário responsabilidade e sensibilidade por parte do contador, para saber contá-las.

O contador, a fim de alcançar seus objetivos necessita estar atento a alguns pontos importantes, como, trazer vida as histórias, começar e finalizar as mesmas, utilizar de boa entonação de voz, falar com clareza para bom entendimento, preocupar-se com sua postura física, levar em conta as idades dos ouvintes, possuir sensibilidade ao multiculturalismo contido nas histórias, preparar o ambiente, estar atento às diversas maneiras de começar e acabar a narrativa, ser simples, e simultaneamente atrativo, aguçando a curiosidade das crianças, fazer uso de acessórios, como fantoches, por exemplo, e ao final do processo, realizar uma avaliação geral destes pontos.

2.5. TRADIÇÕES, IDEOLOGIAS E CULTURAS

Muitas tradições foram mantidas através do tempo em função da contação de histórias, um exemplo disto são as lendas, cujas tinham o objetivo de proteção às crianças perante os perigos, evitando que as mesmas se afastassem muito de suas casas, o que elas respeitavam devido ao medo de personagens surreais, tais como, lobisomem, chupa cabra e pai do mato.

As lendas serviam também para condenar atitudes incorretas das crianças, assumindo uma "função educativa", onde o medo era o principal fator, afinal, era através das indisciplinas que acontecia a aparição de figuras como, fantasmas, bicho-papão, cuca, monstros e etc. Despertando na criança além do medo, a curiosidade, emoção, receios e mistérios.

"Se for uma ação ruim, a resposta pode vir na figura de um monstro [...] o medo, o terror e a própria ambiguidade são estratégias narrativas que a partir do gênero fantástico podem ser usadas para refletir sobre a moral, sobre o que é certo ou errado. " (CARVALHO; JUNIOR, 2016, p.10-12).

A infância foi modificada através do tempo, sendo estudada e melhor interpretada, esta fase da vida humana hoje em dia é resguardada por variadas leis de proteção e garantia do desenvolvimento integral da criança, como, a Lei de Diretrizes e Bases (9.394/96), o Estatuto da criança e adolescente (8.069/90), e a Constituição Federal de 1988 – artigo 227, assegurando o direito das crianças desde o princípio de sua educação básica, iniciada na Educação Infantil, no Ensino Fundamental. Já não mais interpretada como um "depósito" da criança, a educação infantil possui um currículo bem estruturado conforme as propostas pedagógicas de modelos baseados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil e em Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil, garantido à mesma o contato direto com a arte, cultura e a estética, objetivando melhor desenvolvimento da expressividade, sensibilidade e da autonomia.

2.6. DESENVOLVIMENTO DA VOZ

No desenrolar do projeto "Árvore dos Pontos", ao ter contato com o microfone alguns alunos mostraram possuir desenvoltura ao falar em público e surpreenderam a todos com atitudes espontâneas no palco ao contar as histórias e ao se comunicar com os demais alunos.

Durante a contação, a voz pode ser explorada de diversas formas, desde, inventar uma nova voz para cada personagem a partir de suas características, como um idoso, ou um bebê, ou, realizando mudanças como, uma voz mais delicada, aterrorizante, em referência a tempo e espaço, proporcionando aos ouvintes, por meio destas, maior vontade de ouvir o que será narrado e chamando atenção para si mesmo, o narrador.

Por meio da análise da dicção dos narradores, podemos avaliar o nível e qualidade do conhecimento da história que será passado aos seus ouvintes, avaliando aspectos como velocidade e tonalidade na forma como os narradores oralizaram suas histórias.

2.7. ESCOLHA DAS HISTÓRIAS

Para selecionar as histórias a serem contadas, as crianças do projeto oscilaram entre diversos estilos de histórias e narrativas, desde contos de fadas a aventuras, executando as narrativas com ótimo desenvolvimento, mostrando diversas formas de contar uma história, até mesmo os alunos mais novos, do 1º ano, que ainda não aprenderam a habilidade da leitura, conseguiram passar seus co-

nhecimentos a respeito das histórias escolhidas para os demais, apenas por meio da disponibilidade e de suas curiosidades, despertando a criatividade e a imaginação.

2.8. ACESSÓRIOS E SUAS UTILIZAÇÕES

O uso de acessórios é uma ferramenta facilitadora ao narrador, que permite o mesmo transportar seus ouvintes para o cenário cuja história acontece, trazendo maior valorização e enriquecimento da narrativa.

Durante o projeto os alunos fizeram o uso de objetos variados e roupas diferentes para compor cada personagem de suas histórias, agregando valor com o uso de maquiagens, cantando e brincando com a voz, conseguindo prender a atenção dos demais, potencializando sua narrativa. Tendo algumas crianças feito o uso de objetos e brinquedos durante a narrativa a fim de complementar o cenário cuja história ocorre.

2.9. O USO DAS EXPRESSÕES

Durante a narrativa, adultos ou crianças também usam da interpretação para narra-la da forma ideal e para transferir ao ouvinte emoções como, medo, surpresa, tristeza, espanto e alegria, por meio de diversas expressões faciais envolvendo gradualmente os demais à narrativa.

Ao observar o projeto, nota-se que os alunos utilizaram muitas expressões físicas também, gestos e ações, em destaque, aqueles alunos que são bem comunicativos e conseguem propagar melhor a narrativa e pela sonorização da história estes conseguem transportar seus ouvintes para o universo qual lhes é apresentado.

Fizeram o uso de imitações conforme as demandas das histórias, caracterizando de melhor forma os personagens, principalmente quando se referia a animais, tornando as histórias mais interessantes e agradáveis aos ouvintes, que puderam imaginar e se identificar melhor com a narrativa.

2.10. INTEGRAÇÃO ATRAVÉS DA CONTAÇÃO

Com o estimulo do projeto percebeu-se melhorias para os alunos em relação às atividades em grupo, ao comportamento e comprometimento destes para com o objetivo inicialmente proposto, através das atividades grupais como a escolha de livro, os ensaios e a montagem do roteiro, os mesmos aprendem o respeito mútuo, aprendendo a ouvir os demais e interagindo melhor com a turma tornando o momento mais prazeroso e divertido, independente das diferenças como a faixa etária, estes conseguiram passar para os ouvintes realmente o que a história proporcionava, descobrindo um novo mundo, cheio de fantasias.

2.11. HISTÓRIAS COMO PRÁTICA EDUCATIVA

Prática cada vez mais presente no âmbito escolar seja por planejamento por parte do educador, que organiza uma contação, em certas vezes pela visita de um contador a escola para realizar tal feito, ou até mesmo via passeios mediados pela escola para espaços e feiras culturais.

Alvo de estudo de muitos teóricos, a importância dos textos literários na fase da escolarização infantil. A contação de histórias deve estar presente na grade escolar, não apenas por seu caráter lúdico, mas como metodologia, exercitada em momentos isolados exclusivamente para a prática, como a hora da leitura, ou do conto, adentrando as salas de aula, enriquecendo a prática docente e promovendo conhecimentos e aprendizagens variadas.

Por meio de pesquisas sobre opiniões de diversos educadores é evidente que a prática da contação de histórias deve ser utilizada como metodologia de ensino, com a finalidade do desenvolvimento dos alunos e de suas respectivas personalidades, ocasionando em melhorias significativas para o desempenho escolar.

“Na maioria dos casos, a Escola acaba sendo a única fonte de contato da criança com o livro e, sendo assim, é necessário estabelecer-se um compromisso maior com a qualidade e o aproveitamento da leitura como fonte de prazer. ” (MIGUEZ, 2000, p. 28).

A participação da contação de histórias como prática pedagógica é vista como auxilio, pois, graças a seu caráter artístico servindo como elo no processo de ensino e aprendizagem, torna-se possível esta cooperação sem que a contação perca seu valor artístico e estético. Porém diariamente a escola vem diminuindo seu papel de estimuladora da literatura, uma vez que, já não é contínuo o uso de livros paradidáticos, fazendo com que a literatura perca seu espaço em sala de aula, espaço este, que é visto com grande importância devido à maneira que o este enriquece o repertório discursivo dos alunos, revelando a eles diversas obras.

É estimulando a literatura para as crianças que estimulamos as mesmas a imaginar, criar e se envolver, realizando, através deste estímulo, grande avanço para o enriquecimento e desenvolvimento de sua personalidade. Sendo o conto de suma importância devido sua relação para com os estímulos, podendo este interferir positivamente para uma aprendizagem significativa, resultando na melhoria do desempenho escolar.

3. CONCLUSÃO

Por meio da consulta ao projeto “Árvore dos pontos”, é possível notar a liberdade e tranquilidade que os alunos

tiveram em revelar suas habilidades de forma autentica, naturalmente através da atividade realizada pelo grupo, provando que, ouvir e contar histórias incentiva diretamente a leitura, imaginação e a criatividade, mesmo até em alunos mais tímidos.

A escola é o ambiente de construção de conhecimentos, e para melhor alcançar este objetivo deve-se atentar-se especialmente a prática da contação de histórias, pois, através desta, gerará a contribuição na aprendizagem escolar, em todos os seus aspectos: social, psicológico, cognitivo, moral e físico, proporcionando maior desenvolvimento perceptivo, vantajoso aos alunos nos campos da disciplina, socialização, criatividade e comunicação. A importância das histórias nas escolas é fundamental também para o desenvolvimento infantil inicial da motricidade, para uma autoestima fortalecida, e um raciocínio lógico aprimorado, em caráter de sua função lúdica.

Pesquisas realizadas neste, a respeito da prática pedagógica da contação de histórias na Educação Infantil, enfatiza seu resultado de aprendizagens múltiplas aos respectivos alunos, contribuindo para a formação pessoal, social e integral do sujeito. Analisando igualmente o papel do educador como incentivador e mediador da prática, estimulando seus alunos a se situar no meio em que vivem, descobrindo e conhecendo experiências por meio da literatura.

Em suma, enfatizamos que, para a prática pedagógica ocorrer de maneira satisfatória, visando alcançar seus objetivos, se faz essencial uma boa qualificação profissional, políticas públicas de incentivo a literatura e as atividades literárias, e condições de trabalho adequadas, com preparo correto do ambiente e das histórias a serem contadas.

4. REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BARCELLOS, G. M. F.; NEVES, I. C. **A hora do conto: da fantasia ao prazer de ler**. Porto Alegre: Sagra – DV Luzzatto, 1995.

BERNARDINO, A. D.; SOUZA, L. O. de. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e no Ensino Fundamental**. Educare et educare – revista de educação. São Paulo, v. 06, nº. 12, p. 235 – 249, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.com.br/>. Acesso em 10 de Julho de 2020.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. ed. 16. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BOZZANO, H.; FRENDA, P. **O que é arte. Arte em Interação**. Volume único. São Paulo. IBEP. 2013.

BRITO, T. A. de. **Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

CALDIN, C. F. **A oralidade e a escritura na literatura infantil: referencial teórico para a hora do conto**. Florianópolis, Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, n. 13, p. 25 – 38, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2002v7n13p25/5213>. Acesso em 10 de Julho de 2020.

CARVALHO, M. A. S.; JUNIOR, F. V. P. de. **A transmissão de valores morais em três causos fantásticos de tianguá. Ensaios Pedagógicos**. Revista eletrônica do curso de pedagogia das faculdades OPET ISSN 2175 – 1773, Jun. de 2016. Disponível em: <http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n11/artigo1.pdf>. Acesso em 20 de Julho de 2020.

FARINA, T. F. de. **A contação de histórias e sua contribuição no desenvolvimento da criança**. Seminário em Ciência da Informação, Londrina, 2016. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/30920/>. Acesso em 20 de Julho de 2020.

O Uso da Paródia na Modernidade

Maria das Graças de Oliveira[1]

RESUMO

Este artigo tem por objetivo mostrar a utilização da paródia na modernidade e como este estilo vem se tornando cada vez mais presente nas obras contemporâneas, ou seja, nos dias atuais, para tanto, será necessário também fazer uma breve explicação sobre o conceito de paráfrase, estilização e apropriação. A pesquisa foi baseada no livro do escritor Affonso Romano San'tanna.

PALAVRAS-CHAVE: Paródia, Modernidade, Paráfrase e Estilização.

INTRODUÇÃO

Neste artigo apresenta-se paralelo e oposições sobre diferentes tipos de estilos, para demonstrar essas variações

(1) Graduada em Letras pela Universidade Camilo Castelo Branco. Pós-Graduada em Práticas e Vertentes em Língua Portuguesa e Literatura. Graduado em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho. Docente de Língua Portuguesa/Literatura da Rede Pública Paulista.

será dado como exemplo um dos poemas mais parodiados na modernidade "A canção do exílio" de Gonçalves Dias e um trecho da carta de Pero Vaz de Caminha.

Há estudos mais profundos e complexos sobre a paródia, porém, neste artigo pretende-se abordar uma forma mais clara e objetiva de assimilar o tema às praticas do dia-a-dia, deixando em evidência a simplicidade da sua utilização.

CONCEITUAÇÃO

Para que possamos entender o uso da paródia na modernidade devemos falar um pouco sobre um período marcante da nossa literatura: O Modernismo Brasileiro, tudo o que existe hoje no campo da literatura, das artes plásticas, da música, do cinema está de alguma forma relacionado às experiências desenvolvidas pela arte moderna no começo do século XX.

De modo geral, o que marcou o espírito da arte moderna foi o desejo de libertação das amarras do passado e a busca de uma forma de expressão artística nova e sintonizada com a mentalidade do novo século. Compreender a arte moderna implica conhecer o formidável conjunto de transformações que ocorreram nesse período – desenvolvimento científico e tecnológico, invenções, guerra mundial, revolução comunista, etc. – e a forma de ver e sentir o mundo delas decorrentes que se manifestou numa nova forma de expressão artística: a arte moderna.

Conceito de Modernidade – Segundo SANT'ANNA (2002), o termo usado por vários ensaístas alemães e franceses que estuda de que maneira, na passagem do séc. 19 para o séc. 20, através, sobretudo das vanguardas, estabelecem-se uma nova noção de tempo e espaço. A modernidade, além de uma nova estética, nos deu também Freud (e a noção de inconsciente), nos deu Einstein (a teoria da relatividade e uma nova visão do universo) e, com Saussure, o desenvolvimento da lingüística, que possibilitou o aprofundamento das questões da linguagem e da teoria da literatura.

Para analisarmos a paródia há diversos pontos para serem repensados, a paródia não deve ser estudada como algo isolado, como se fosse um efeito solto entre os demais estilos. Na melhor das hipóteses, um ou outro estudioso a comparou a estilização, para entendê-la melhor devemos estudá-la, no mínimo ao lado não só da estilização, mas também da paráfrase e da apropriação.

Conceito de paródia – Segundo SANT'ANNA (2002), a Paródia é um efeito de linguagem que vem se tornando cada vez mais presente nas obras contemporâneas. A rigor, existe uma consonância entre paródia e modernidade. Desde que se iniciaram os movimentos renovadores da arte ocidental na segunda metade do séc. 19, e especialmente com os movimentos mais radicais do séc. 20, como o Futurismo (1909) e o Dadaísmo (1916), tem-se observado que a paródia é um efeito sintomático de algo que ocorre com a arte de nosso tempo. Ou seja: a freqüência com que aparecem textos parodísticos testemunha que a arte contemporânea se compraz num exercício de linguagem onde a linguagem se dobra sobre si mesma num jogo de espelhos.

Observa-se que a paródia é uma reformulação imitativa de um texto ou de um estilo que tem como objetivo desqualificar o que está sendo imitado seja ridicularizando-o ou negando.

Conceito de paráfrase – É a reafirmação, em palavras diferentes, do mesmo sentido de uma obra escrita, na paráfrase o autor procura tornar mais claro e objetivo aquilo que se disse em outro texto. Portanto, é sempre a reescrita de um texto já existente, uma espécie de tradução dentro da própria língua.

Conceito de estilização - Trata-se de um processo de reformulação imitativa de um texto ou estilo sem a intenção de negar ou desqualificar o que está sendo imitado.

Conceito de apropriação – é um termo de entrada recente na crítica literária. A rigor, não foi exaustivamente ainda definida. O termo apropriação designa o ato ou efeito de tomar para si, apoderar-se integralmente ou de partes de uma obra, para construir outra obra. A técnica da apropriação, modernamente, chegou à literatura através das artes plásticas. Como no caso da paródia, o que caracteriza a apropriação é a dessacralização, o desrespeito à obra do outro, ou seja, um modo de transformar a obra do outro em simples objeto e material para que o artista realize sua própria obra. Por exemplo, quando Salvador Dali toma a famosa Mona Lisa de Leonardo da Vinci e pinta-lhe uns bigodes, está se apropriando de um signo cultural e invertendo-lhe satiricamente o significado.

Na Modernidade podemos observar que esses conceitos – paródia, paráfrase, estilização e apropriação, interessam não só à literatura, mas também aos estudos semiológicos em geral, como por exemplo, na música, na pintura, confecção dos jornais, festas de carnavais, na moda, em jornais, cinema, etc.

Não significa isto, contudo, que a paródia seja uma invenção recente, ela existia na Grécia, em Roma e na Idade Média. Talvez o que tenha ocorrido modernamente seja não apenas uma intensificação do seu uso e, por isso, um interesse maior da crítica, o que faz com que, de repente pareça que a paródia seja um traço de nossa época.

PARÓDIA: UMA BREVE HISTÓRIA DO TERMO

A origem da palavra paródia, conforme assinala SANT'ANNA (2002), é grega, significando "ode que

perverte o sentido de outra ode (grego: para- ode)", essa definição implica o conhecimento de que originalmente a ode era um poema para ser cantado.

Conforme SANT'ANNA (2002), o termo paródia tornou-se institucionalizado a partir do séc. 17. A isto se referem vários dicionários de literatura. No entanto já em Aristóteles aparece um comentário a respeito dessa palavra. Em sua *Poética* atribuiu a origem da paródia, como arte, a Hegemon de Tharso (séc.5 a.C), porque ele usou o estilo épico para representar os homens não como superiores ao que são na vida diária, mas como inferiores; teria ocorrido, então, uma inversão. A epopéia gênero que a Antiguidade servia para apresentar os heróis nacionais no mesmo nível dos deuses, sofria agora uma degradação.

Modernamente a paródia se define através de um jogo intertextual. Pode-se falar em intertextualidade (quando um autor utiliza textos de outros) e intratextualidade (quando o escritor retoma sua obra e a reescreve).

PARÓDIA E ESTILIZAÇÃO: PARALELOS

O conceito de paródia tornou-se mais sofisticado a partir de *Iuri Tynianov*, quando ele o estudou lado a lado com o conceito de estilização.

A estilização está próxima da paródia. Uma e outra vivem de uma vida dupla: além da obra há um segundo plano estilizado ou parodiado. Mas, na paródia, os dois planos devem ser necessariamente discordantes, deslocados: a paródia de uma tragédia será uma comédia (não importa se exagerando o trágico ou substituindo cada um de seus elementos pelo cômico); a paródia de uma comédia pode ser uma tragédia. Mas quando há a estilização, não há mais discordância, e sim, ao contrário, concordância dos dois planos: o do estilizando e o do estilizado, que aparece através deste. Finalmente, da estilização à paródia não há mais que um passo; quando a estilização tem uma motivação cômica ou é fortemente marcada, se converte em paródia(TYNIANOV *apud* SANT'ANNA, 2002: 13-14).

PARÓDIA E PARÁFRASE: UMA OPOSIÇÃO FORTE

Para SANT'ANNA (2002), do lado da ideologia dominante, a paráfrase é uma continuidade. Do lado da contra-ideologia, a paródia é uma descontinuidade, Assim como um texto não pode existir fora das ambivalências paradigmáticas e sintagmáticas, paráfrase e paródia se tocam num efeito de intertextualidade, que tem a estilização como ponto de contato. Falar de paródia é falar de intertextualidade das diferenças. Falar de paráfrase é falar de intertextualidade das semelhanças.

Enquanto a paráfrase é um discurso em repouso, e a estilização é a movimentação do discurso, a paródia é o discurso em progresso. Podemos também estabelecer outro paralelo: paráfrase como efeito de condensação, enquanto a paródia é um efeito de deslocamento, ou seja, em uma há o reforço na outra a deformação. Na paráfrase alguém está abrindo mão de sua voz para deixar falar a voz do outro, na paródia busca-se a fala recalcada do outro.

Segundo SANT'ANNA (2002), o Brasil até o séc. 18 viveu no domínio da paráfrase. Seja porque a episteme da imitação era predominante no mundo ocidental, seja porque o país fosse ainda imaturo para produzir obras mais individualizadas. Um segundo período ocorre no séc. 19, uma espécie de descoberta da estilização. Neste sentido, o Romantismo é um avanço. Sendo um período de valorização do indivíduo, do nacionalismo e do subjetivismo, propicia uma caracterização ou particularização maior da literatura nacional. E, enfim, um terceiro período seria o parodístico, e coincidiria com os movimentos de vanguarda que em nossa cultura são representados em torno de Modernismo (1922). Um período crítico, autocrítico de nossa cultura, em que, tecnicamente, a paródia foi muito utilizada. A literatura contemporânea se caracteriza por uma mescla de estilos. Isto seria uma forma de ir entrando no que alguns autores chamam de *modernidade*. Ou seja, enquanto em outros períodos havia autoritariamente um estilo hegemônico, hoje democraticamente vários estilos convivem entre si.

Exemplos:

Tomemos o ultra-clássico poema "A canção do exílio", de Gonçalves Dias, possivelmente o poema mais, estilizado, parodiado e parafraseado de nossa literatura, variações feitas por alguns autores modernistas:

Texto original: Gonçalves Dias (primeira estrofe):

> Minha terra tem palmeiras
> Onde canta o sabiá
> As aves que aqui gorgeiam
> Não gorgeiam como lá.

Exemplo de paródia: Oswald de Andrade em "Canto de regresso à patria":

> Minha terra tem palmares
> Onde gorgeia o mar
> Os passarinhos daqui
> Não cantam como os de lá.
> (SANT'ANNA, 2002: 23-24).

No texto de Oswald de Andrade o distanciamento é absoluto. Ocorre um processo de inversão do sentido, com um deslocamento completo. Substitui-se logo o nome comum "palmeiras" – pelo nome próprio "Palmares", mas com letra minúscula. Introduz-se logo uma crítica histórica, social e racial. A substituição do ingênuo termo ro-

mântico "palmeira" pelo nome do famoso quilombo onde negros liderados por Zumbi foram dizimados, em 1695, tem um efeito irônico e crítico, introduzindo um comentário social. Preservando uma semelhança sonora e rítmica, Oswald de Andrade desarranja o sentido do texto original. Contrapõe a estética modernista à estética romântica, contrasta a alienação social à denúncia histórica e transforma o discurso do branco na afirmação do preto.

O resto da estrofe reforça o movimento de inversão. No verso seguinte: "onde gorgeia o mar", o autor modernista consegue um efeito surrealista praticando o nonsense. Aquele verso claro e linear de Gonçalves Dias: "as aves que aqui gorgeiam / não gorgeiam como lá", aqui se transforma numa frase logicamente incompreensível: "Minha terra tem palmares / onde gorgeia o mar". E assim vamos tropeçando em coisas insólitas, passando pelos "estranhamentos" de que falavam os formalistas russos. É uma leitura em duas vozes: uma em presença (texto moderno, parodístico) e outra em ausência (texto romântico, parodiado).

Exemplo de estilização: Cassiano Ricardo em "um dia depois do outro":

> Esta saudade que fere
> Mais do que as outras quiçá,
> Sem exílio nem palmeiras
> Onde cante um sabiá...
> (SANT'ANNA, 2002: 24)

Já no texto de Cassiano Ricardo o desvio aumenta, inclusive pela afirmação ao contrário, pois a "saudade" é descrita na ausência da "palmeira" e do "sabiá" ("sem exílio, nem palmeira / onde cante um sabiá). Ocorre um jogo de diferenciação em relação ao texto original sem que, contudo, haja traição ao seu significado primeiro.

Exemplo de paráfrase: Carlos Drumond de Andrade no poema "Europa, França e Bahia":

> "Meus olhos brasileiros se fecham saudosos
> Minha boca procura a 'Canção do Exílio'.
> Como era mesmo a 'Canção do Exílio'?
> Eu tão esquecido de minha terra...
> Ai terra que tem palmeiras
> Onde canta o sabiá! "
> (SANT'ANNA, 2002: 23-24)

Na paráfrase de Carlos Drumond de Andrade, o deslocamento é mínimo e ocorre uma técnica de citação e transcrição direta do poeta romântico.

Exemplo de apropriação de um trecho da Carta de Pero Vaz de Caminha (escrito em 1500):

> "Ali andavam, entre eles, três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, caídos pelas espáduas abaixo; e suas vergonhas tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as olharmos muito bem, não tínhamos nenhuma vergonha" (...).

Apropriação: Oswald de Andrade em " as meninas da gare":

> "Eram três ou quatro moças bem moças e bem gentis. Com cabelos mui pretos pelas espáduas
> E suas vergonhas tão altas e tão saradinhas
> Que de nós as muito bem olharmos
> Não tínhamos nenhuma vergonha."
> (CEREJA; MAGALHÃES, 2005: 45)

Analisando o trecho da carta de Pero Vaz de Caminha fica claro que o primeiro contato com os índios causou no conquistador português um estranhamento. A nudez das índias chama à atenção dos portugueses e o fato de elas não terem pêlos pubianos também, a "vergonha" mencionada na carta revela uma formação moral e religiosa rígida de acordo com as idéias cristãs da época; na época de Caminha as índias viviam nuas, em estado natural, num Brasil primitivo, em que não havia doenças, prostituição, fome, etc. Depois de séculos de colonização, o Brasil do século XXI apresenta os males das civilizações modernas.

Segundo CEREJA, MAGALHÃES (2005), na apropriação Oswald de Andrade apodera-se de frases inteiramente recortadas da carta de Caminha e submetidas a um novo sentido: as índias do texto original se misturam às "meninas" expostas na gare de uma sociedade moderna industrial. Desta forma, podemos verificar que o autor moderno apropria-se da linguagem do autor antigo para descrever uma cena, que estruturalmente continua idêntica, apesar da diferença de quase 500 anos.

Quando Oswald de Andrade escreveu o poema "as meninas do gare" em 1924, havia muitas prostitutas nas imediações da estação de trem da cidade de São Paulo (Estação da Luz), onde vivia o poeta, fato muito comum ainda hoje em várias cidades brasileiras. Ao empregar o termo "gare" o poeta revela a forte influência da cultura francesa sobre os brasileiros no início do século XX, sentida na moda, nos hábitos e na língua; "moças gentis" refere-se às prostitutas urbanas. No poema além do caráter ideológico podemos observar também o tom crítico e irônico de Oswald de Andrade, o que coincide com as propostas do Modernismo brasileiro dos anos 1920.

USO DA PARÓDIA EM UM TEXTO JORNALÍSTICO

Conforme SANT'ANNA (2002), a paródia nos jornais de classe A e B(de maior poder aquisitivo) fica restrita

à charges políticas, a um ou outro comentário humorístico eventual, A paródia ocupa pequeno espaço nesses jornais ”sérios”. Ela vai se caracterizar nos jornais marginais, nos semanários, em publicações não diárias. Assim, alguns jornais podem se especializar nesse tipo de linguagem parodísticas comentando o texto dos jornais “sérios”, debochando de um texto anterior numa atividade intertextualizadora. Alguns jornais desse tipo não evitam parodia-se a si mesmos nem se contradizer. A notícia ai se desvia tanto do fato ocorrido, “deforma” tanto a realidade, “degrada” de tal forma o original, que se situa no terreno da “caricatura”. É curioso e sintomático que os jornais parodísticos não sejam diários. Eles carecem que o texto a ser parodiado tenha sido publicado anteriormente ou tenha se acumulado na memória do leitor durante uma semana ou mais. Ele vive da notícia já consumida. Ele não dá o “furo”, ele debocha do “furo” ou valoriza um aspecto só do todo.

USO DA PARÓDIA EM PROPAGANDAS

Utilizada também em propagandas, a paródia é um meio de familiarizar o produto em questão com as pessoas alvo. É o caso da lã de aço “Assolan”, que em seus comerciais televisivos parodia músicas de alguns grupos e/ou cantores que estão na mídia, isto é, canções que, normalmente a sociedade ouviu e, com isso, mantendo o ritmo e mudando a letra, os espectadores gravam consciente ou inconscientemente os trocadilhos e acabam adquirindo determinado item.

Com à marca “Assolan”, sua reformulação em cima de “Festa no apê – Latino” foi a seguinte:

Original

> “Hoje é festa lá no meu apê, pode aparecer, vai rolar bundalelê …
>
> …Chega aí, pode entrar, quem ta aqui, ta em casa
>
> é festa lá no meu apê, pode aparecer, vai rolar bundalelê …”

Paródia

> “A família não para de crescer, usou, passou, limpou, é Assolan fenômeno
>
> Lã de aço, têm esponjas, panos multiuso, saponáceos
>
> Hoje é festa na casa e no apê, usou, passou, limpou, é Assolan fenômeno (bis)”

A Bombril pegou carona na exposição da mídia das eleições e lançou uma campanha baseada nisso. Caracterizado como os dois presidenciáveis, o garoto-propaganda Carlos Moreno é apresentado na peça como Dilma e como Serra.



O slogan “Nem situação, nem oposição. Para um Brasil Limpo, Bom Bril é a solução”, com o jargão político “Bom Bril, preferido por 1001% dos brasileiros”. A campanha ficou em veiculação até 28 de outubro de 2010, em revistas e TV. A criação é da WMcCann.



